

# Illustração

## PORTUGUEZA

DIRECTOR:  
CARLOS MALHEIRO DIAS  
DIRECTOR ARTÍSTICO:  
FRANCISCO TEIXEIRA

\*\*\*  
PROPRIEDADE DE  
J. J. DA SILVA GRAÇA  
\*\*\*

Redacção, Administração e Officinas de Composição e Imprensa  
Rua Formosa, 41—1150H



NA FESTA DE S. JOÃO: UM MAESTRO PRECOCE

(Cliché de SERRÃO)



Melo seculo de successo  
**ESTOMAGO**

O Elixir do Dr Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente.  
**GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.**

A'ocnda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil  
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart Paris

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno ..... 4\$800 r. 15  
 " semestre ..... 2\$400 -  
 " trimestre ..... 1\$200 -

Assignatura conjunta do «Seculo», «Supplemento Humoristico» do Seculo e da «Illustração Portuguesa»

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno ..... 8\$000 réis  
 " semestre ..... 4\$000 -  
 " trimestre ..... 2\$000 -  
 mez (em Lisboa) ..... 700

AGENCIA DE VIAGENS



R. Bella da Rainha, 8-Lisboa

# ERNST GEORGE

## SUCCESSORES

Venda de bilhetes de passagem em vapores e caminhos de ferro para todas as partes do mundo sem augmento nos preços. Viagens circulatorias a preços reduzidos na França, Italia, Suissa, Allemanha, Austria, etc.

**Viagens ao Egypto e no Nilo**  
**Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte**

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.  
Cheques para hotels.

VIAGENS BARATISSIMAS Á TERRA SANTA

Madame

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

**Brouillard**

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é in-comparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lombroso, d'Arpenigney, masistmo Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Da consultas diarias das 9 da manhã as 11 da noite em seu gabinete!

43, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA  
Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.

J. CASTELLO BRANCO

**Bicyletas**



Marca inglesa, as mais solidas e elegantes desde 22\$300 réis. Bicyletas Simplex, Humbler, D. S. A. ultimos modelos. Bicyletas inglesas Radford, modelo especialmente feito para a

nossa casa, muito solida, propria para aluguel, com quadro reforçado, aros nickelados, roda livre, guarda-lamas e 2 travões, preço 32\$000 réis. Enorme sortimento de accessorios, taes como: protectores Continental, Dunlop, Coventry; camaras d'ar, businas, lanternas, rodas livres, etc., etc., tudo a preços barattissimos. Grande deposito das melhores machinas falantes e discos Simplex dos quaes acabamos de receber lindissimas colleções. CASA SIMPLEX. Bicyletas, discos e machinas falantes.

Rua do Socorro, 48  
Rua de Santo Anião, 32 e 34

LISBOA



# OS TRES SANTOS POPULARES DE LISBOA



As imagens populares de Santo António, S. João e S. Pedro

Lisboa tem os seus santos populares que festeja, mas aos quaes não faz promessas. Não dispende com elles nem cêra, nem azeite, nem preces. Pede por sua intenção—o que não faz por mais nenhuns—mas gasta em cousas profanas o que se lhe dá para o culto sagrado.

Não ha imagem com mais altares na cidade do que Santo António, o fradinho douto e bom, transtornado pela phantasia do povo em galhofeiro franciscano que partia as bilhas ás raparigas só pelo prazer de as concertar depois. Em cada vão de portal lá está o seu throno com o docel de papel de côres, as escadilhas onde se mostram os objectos do ritual, os tocheiros, as palmas, as custodias, os relicarios, os castiçais com as suas velinhas finas e minusculas dizendo bem com a figura do santo cujos olhos fixos, dois pontinhos de tinta, nos parecem seguir a condemnar-nos quando recusamos os obolos pedidos pelos pequenitos em sua intenção. Bem sabe Santo António que não aproveita cousa alguma d'essas esmolas, que é com fins gananciosos que lhe erguem altares e importunam os que passam, mas isso basta-lhe, porque vê os rapazitos contentes e foi sempre

grande amigo das creanças, tanto que devotou a sua vida ao menino Jesus. Perdôa-lhes, por isso, que em vez das bichinhas de rabiari e dos valverdes que deviam ser queimados por sua fé, as creanças se enchem de guloseimas e depois bailem em face do seu throno, onde

em breve o substituirão por outro, n'essa inconsciencia das multidões para com os seus cultos da terra e as suas devoções do céu. Mas o beato António—ou não fôsse elle santo—perdôa sempre, como de resto perdoou que lhe transformassem os actos grandiosos em pieguices de lenda, que lhe roubassem a fama de sabio para o tornarem n'um casamenteiro, porque sabe muito bem que o povo seu patricio, quando tem uma adoração, ou ha de fazer d'ão adorado um esbelto cavalleiro, um invencivel pialadino ou um amoroso sem egualia bater-se por uns lindos olhos. Santo António era frade. Em vez de o fazerem amar obrigaram-no a patrocinar o amor dos outros. Assim appareceu transformado em esteio o ascetico fradinho tão eloquente que mereceu os applausos de S. Francisco de Assis; o douto theologo de Montpellier e Tolosa; o puro



Santo António salvando o pae da forca  
(Medalhões de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro)



Santo António prégando aos peixes  
(Medalhões de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro)





Se teu coração for fiel  
O meu também ha de ser.  
Fazendo tu minha ventura  
Hei de amar-te até morrer.

Cheira amor este cravinho  
E quando o estiveres a cheirar  
Lembra-te, querida menina,  
Que sempre te hei de amar.

guardião de Tuy que disputava com o commissario geral da sua ordem

lhões. Sahi uo frade á frente do cortejo, conduziu para as bandas da Sé o se-

todos os rigores para si; o menino do côro tentado pelo diabo á sombra da velha Sé de Lisboa e que as cidades deviam disputar; o pregador eloquente que não tinha em Padua um só templo onde coubessem os seus fieis e por isso ia para os campos pregar a sobriedade, a religião, a paz. Ninguem é propheta na sua terra e o povo de Lisboa não o quiz vêr tal elle foi e então entrou a bailar em honra do asceta, a despejar cascos em louvor do sobrio; a fazer bulhas, após as libações, no culto do amigo da doçura e da calma. Os seus patricios, plebeus de Lisboa, fizeram-no milagreiro; os frades bordaram em volta da sua figura uma lenda; os

soldados tornaram-no n'um guerreiro que se bateu sobre uma mula clara na guerra peninsular e que subiu em postos até á gradação de tenente-coronel como se mostra na praça de Cascaes com a sua medalha d'oiro sobre o peito leal. Mas a lenda dos frades tornou-o um homem singular, com o seu desdobraimento de personalidade, que o fazia estar pregando no seu pulpito de Padua e ao mesmo tempo detendo em Lisboa um cortejo de aguazis, juiz, soldados e populares que conduziã para a forca seu pae, o innocente Manuel de Bu-



A cabeça do Baptista apresentada a Salomé  
(Quadro de Rembrandt pertencente á galeria do Palais Royal)

quiteo e fez erguer do adro, onde estava sepultada a victima, que declarou não ser Bulhões o assassino e como a justiça lhe sollicitasse o nome do culpado o santo respondeu que não vinha a culpar um criminoso mas sim a salvar um innocente. Todos o transformaram; o povo tomando em milagreiro o sabio; os frades rodeando-o de lendas; os militares fazendo um guerreiro do homem da paz. Mas Santo Antonio tudo esquece sem duvida como já

esqueceu a Ordem do Exercicio que mandou prestar honras de generalissimo ao inglez S. Jorge não dando as inherentes ao seu posto de tenente coronel ao santo tão portuguez e tão leal.



Santo Antonio galheiro: A lenda das bilhas  
(Grupo em ceramica por Manuel Gustavo Bordaallo Pinheiro)

Passado o seu dia substituem-lhe a imagem nos thronos e todos aquelles objectos que serviram ao seu culto vão para S. João Baptista que começa a ser adorado com a sua vida tambem deformada por um culto poetico do povo. Elle foi um homem forte, ruivo e musculoso que existiu entre as sarças, nas beiras do Jordão, comendo gafanhotos e mel silvestre; um extranho personagem que fazia da verdade um culto e cujas palavras tinham o som latejante d'um castigo. Para a multidão apparece como um pastorinho muito branco e muito

Se teu coração for fiel  
O meu tambem ha de ser.  
Fazendo tu minha ventura  
Hei de amar-te até morrer.

Cheira amor este cravinho  
E quando o estiveres a cheirar  
Lembra-te, querida menina,  
Que sempre te hei de amar.

loiro, em cuja noite as moir-  
encantadas saem dos  
poços onde habitam para

virem ro-  
mantica-  
mente pen-  
tear os seus  
cabellos á  
luz da lua;

é o menino d'altar que

tem ao collo um cordeiri-  
nho e se encosta á haste  
d'uma linda bandeirola,

em honra do qual  
se queima ale-  
crim, alfazema e  
as alca chofras  
que dirão dos  
amores futuros.

Sente-se esse santo tambem

como um  
myste-  
rioso pro-  
tector,

amigo dos amoro-  
sos que; enfeitam  
as varandas de ba-  
loesinhos polych-  
romos e vão tocar  
as guitarras deante  
das amadas que  
os escuttam entre  
dois vasos de man-  
gericos m'essa noite  
linda de junho  
e de luar em que as  
fontes murmuram e os  
olhos dizem amor.

Talvez fôsse tam-  
bem assim n'uma noite  
cheia de brilho d'es-  
trelas n'um ceu azul  
que ha muitos mil  
annos, n'um castello  
da Judéa, uma formo-  
sa mulher dançando  
em contorsões lascivas  
do seu corpo esbelto o votasse  
á morte. Deante d'Herodes Antipas,  
tetrarcha da Galilea, João, com o seu  
ar ousado e com a sua voz trovejante,  
falou-lhe do incesto em que vivia com  
Herodiade — a mulher de seu irmão —  
disse-lhe o seu execrando peccado,  
aquella culpa de ter no seu leito de  
potentado a formosa esposa de Philippe.

Aquella voz, reboando pe-  
los salões de marmore e  
chegando até aos aposentos  
d'Herodiade, fel-a cahir em  
deliquio e então o tetrar-  
cha, para que essas pala-  
vras se não ouvissem, man-  
dou encerral-o na  
mais funda masmor-  
ra do castello de: Ma-  
cherus, reecendo to-  
davia tocar-lhe, não  
fôsem cumprir-se as  
suas prophcias re-  
mendas. Vieram os

delegados de Roma a um banquete

Os santos populares festejam-se com ruído  
e canções como os idólos:

Dois devotos que pela voz do barro saudam Santo  
Antonio de Lisboa, o Milagroso





Se teu coração for fiel  
O meu também ha de ser.  
Fazendo tu minha ventura  
Hei de amar-te até morrer.

Cheira amor este cravinho  
E quando o estiveres a cheirar  
Lembra-te, querida menina,  
Que sempre te hei de amar

fundo do seu carcere nas maldades por ambos praticadas.

O encanto d'aquelle corpo fez esquecer os terrores; desceram os servos precipitadamente pelos degraus do castello; á medida que se abriam as portas ouvia-se mais aquella voz terrivel, as accusações a chegarem em rompantes furiosos, falando de crimes, de incestos, de infamias. Depois tudo se calou, após um grito estrangulado n'aquella garganta tão amiga da verdade e dentro em pouco apparecia a cabeça decepada do Baptista gottejando sangue n'um bello prato d'oiro que era oferecido á Salomé cheia de encantos e que a agradeceu a encovar a face, a saltar, a rir, socegando com o olhar

no palacio e emquanto se despejavam as taças, enquanto os convivas se coroavam de flores e a luz da noite entrava pelas janelas, aquella voz chegando do fundo d'um poço como o proprio som da Verdade, perturbava a festa, calava as risadas nos labios molhados pelos licores capitosos. Então Herodiade, contando com a belleza de sua filha Salomé, com a sua graça, o seu olhar, a bran-



Armando o throno e... o peditorio



Christo entregando as chaves a S. Pedro (Quadro de Bellini, do musen do Prado)

cura do seu corpo de fada, incitou-a a que pedisse a Herodes a vida d'aquelle homem fatal que fallava do

sua mãe tão perfida. Talvez fosse realmente assim n'uma noite tão linda como aquella em que o festejam que a sua

Se teu coração for fiel  
O meu também ha de ser.  
Fazendo tu minha ventura  
Hei de amar-te até morrer.

Cheira amor este cravinho  
E quando o estiveres a cheirar  
Lembra-te, querida menina,  
Que sempre te hei de amar.

cabeça decapada apparece aos olhos de Salomé e talvez seja tambem por isso que na sua festa, á beira

das fontes, em volta das fogueiras d'alecrim, queimando fogos de vista, entoando canções, tantas cabeças se perdem d'amores.

E' a meio do mez; formam-se ranchadas que vão para os mercados; as raparigas apertam ao peito os vasilhinhos de mangericos onde se espetam os cravos de côres variegadas; sobem pelos ares os foguetes que estalalejam, tocam as violas, vão lavar-se os rostos nos tanques esperando vêr junto do seu as caras das amadas, essas mulheres romanticas da terra portueguez. Quasi sempre, ao romper do sol, como no banquete d'Herodes, ha muitos mil annos, se tem festejado o Baptista com beijos, com embriaguez, com canticos e quasi sempre, ainda como n'essa noi-

te, afloram os remorsos de tão pagamente se ter saudado aquelle que se vê no catholicismo romantico como um menino pallido e innocente, de olhos azues e que segura contra o peito um anho bento á sombra da sua sagrada bandeirola, e para quem os rapazes pedem dinheiro nas ruas com tanto cuida-



Um festeiro que faz bulha em louvor dos santos

do como para Santo Antonio.

No fim de todos vem S. Pedro, o calvo, com as chaves do ceu bem agarradas e que tambem se colloca n'um throno mas que é menos festejado, tem me-

nos lenda entre o povo do que os outros, não porque seja menos sympathetic mas porque chega no fim do mez e só aproveita os restos dos que o precederam, o fogo que ficou, os mangleiros, as ofertas. Não é um milagroso; não protege amores; tem apenas em seu poder as chaves do Paraizo que Christo lhe entregou. Foi o primeiro pontifice,, depois de ter renegado tres vezes o seu divino mestre. Com a sua vida de expiação e de crença, sofrendo as iras dos imperadores romanos que viam avançar o catholicismo,, crucificado de cabeça para baixo, após a sua sahida da prisão Mamerina, na collina do Vaticano, onde se ergueria depois a sua igreja, teve: o perdão das suas velhas culpas e o povo festeja-o como aos outros e as creanças vão tam-

bem pedindo para elle, porque S. Pedro, como os outros santos, é um pretexto para se pedir n'uma terra onde se começa a esmolar para os santos e se vae pedindo sempre aavez da vida tudo que se deseja, desde os beijos d'amor ás cousas mais singulares. E Santo Antonio, S. João, S. Pedro, sendo esses pretextos teem a memnos, disformados nos seus feitos, o merecimento de fazerem rir e cantar o pobre povo.



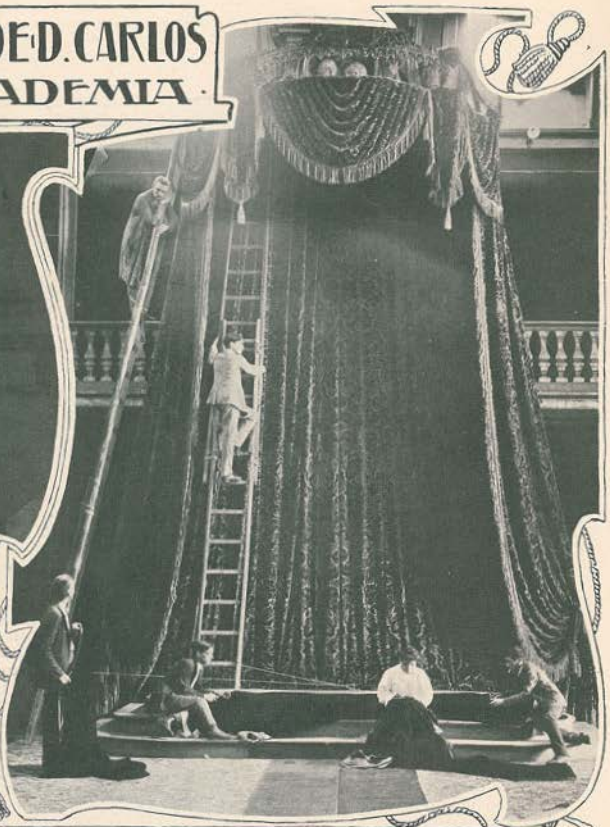
Prêgação do Baptista (quadro da galeria Pitti)



# O ELOGIO DE D. CARLOS NA ACADEMIA



1—O sr. Alberto Alexandre Girard, auctor do elogio academico de El-Rei D. Carlos  
 2—Na vespera da sessão: os trabalhos de armação do throno na sala da livraria de Jesus  
 3 — Aspecto da sala nobre da Academia no dia da sessão solemne de 30 de junho. No throno sentam-se sua magestade a Rainha mãe e sua alteza o infante D. Afonso, occupando sua magestade El-Rei o seu lugar de presidente da Academia. Ao lado direito do throno tomaram logar os membros do corpo diplomatico





# ESPORTS



A sr.ª D. Caetana Duarte, que Lisboa começa a ver passear nas ruas montada n'um lindo cavallo, da fôrma escarranchada, que até aqui não foi usada por amazonas em Portugal e que lá fóra só ha pouco tempo ainda se começou a adotar, foi discipula do sr. conde de Fontalva, o eximio cavalleiro tão justamente apreciado e vae dedicar-se á carreira de *ecuyere*. Ha apenas um anno que a sr.ª D. Caetana Duarte começou a aprender equitação e já faz prodigios. Uma irresistivel vocação a chama para essa vida arriscada na qual sem duvida triumphará d'uma maneira brilhante, viisto os progressos que tem feito na difficil arte da equitação. Dentro em algum tempo apparecerá nas pistas dos circos, domando os cavallos, levando-os ás maravilhas que tanto admirámos da parte d'essa singular baroneza de Rhaden e n'outras *ecuyeres* estrangeiras que nos tem visitado. Esta portugueza que d'alma e coração se entrega a essa arte alcançará sem duvida o renome e que parece destinada em virtude dos seus trabalhos já deveras notaveis no curto tempo da sua aprendizagem. As photographias que hoje publicamos demonstram bem a pericia e coragem da distincta amadora nos saltos.

CARLOS MALHEIRO DIAS—A nova edição da *Paixão de Maria do Ceu*, o bello livro que tanto successo fez ao apparecer, confirma o esmero com que o seu notavel auctor, Carlos Malheiro Dias, director da *Illustração Portuguesa*, agora ausente, afastado de nós por motivos de saude, trabalha cada vez com mais cuidados a sua obra, toda de arte e de encanto. Esse livro é um romance adoravel onde perpassa toda a vida portugueza do seculo passado e onde, na moldura das luctas com os francezes, decorre um tragico episodio d'amôr. N'esse trabalho, como em todos os outros do illustre auctor do *Filho das Hervas* e dos *Telles d'Albergaria*, ha ao lado da nota de observação o culto apaixonado da fórma que o tornaram um dos primeiros romancistas da nossa terra, um dos escriptores mais apreciados pelo publico. Uma rara marca d'arte vive em todos os seus livros, em todos os seus artigos, fazendo palpar a idéa n'um brilho intenso de estylo e entre esses trabalhos o mais modelar é sem duvida *A Paixão de Maria do Ceu*, cuja nova edição acaba de ser publicada com um requinte pouco vulgar em obras typographicas portuguezas.



MANUEL DUARTE D'ALMEIDA—E' um velho poeta de coração sempre moço que tom este novo poemeto *Beijos Perdidos* afirma como o seu talento não esmoreceu e como constantemente sonha em avigorar a sua poesia d'um grande cunho pessoal. *Beijos Perdidos* é um poemeto, onde os versos do notavel artista cantam adoravelmente a symphonia do amôr n'um vago esbatido ironico que torna ainda mais interessante a produção.



TUDE DE SOUSA—O sr. Tude de Sousa é um collaborador da *Illustração Portuguesa*, que muitos serviços lhe prestou quando da caçada no Gerez, tão curiosa sob todos os pontos de vista. E' um grande conhecedor da serra como o demonstra o livro *Serra do Gerez*, que acaba de ser publicado e onde são tratadas magistralmente a historia, a topographia, a fauna e a flora da encantadora região.



# O ALBUM DE D. FERNANDO

O album do rei Fernando é um livro enorme cheio de cousas delicadas, aguas fortes admiraveis, desenhos a bico de lapis, caricaturas curiosas com que o poder moderador se comprazia em beliscar, na sua graça germanica e innocente, algumas das cousas que feriam a sua retina d'artista. O rei, vindod'aquella casa de Saxe Coburgo Gotha, d'um pequeno ducado allemão, alfobre de principes para os thronos da Europa, não perdera jámais o seu feitto de sonhador, de homem affeito á arte e que caído depois nas agitações politicas de Portugal; enviado até certa vez a commandar um exercito contra Saldanha, não sabia fazer da espada o uso que fez do lapis, preferindo no remanso do seu atelier trabalhar uma agua-forte sobre um bom modelo, do que escanchar-se n'um cavallo, vestir-se de general, galopar pelos campos em cata d'uma impossivel victoria. O grande artista, que devia fazer d'umas ruinas esse castello formoso da Pena, não deixou nunca de se empregar nos trabalhos d'arte, já colligindo obras-primas, já dedicando-se ao

*bric à-brac*, mas sobretudo fazendo as suas aguas fortes, os seus desenhos. Nota-se-lhe em

certa epoca uma saudade funda da sua nobre Allemanha, como alguma cousa de perturbador que o leva a exteriorisar o



Retrato de el-rei D. Fernando pelo pintor Layroud copiado do natural e oferecido ao sr. Cifra



Uma agua forte de D. Fernando

sonha em trechos gracis na margem dos seus artisticos desenhos. Então o rei entra a retratar aquillo que a sua phantasia lhe suggere, nas orllas do papel, e são realmente trechos extranhos, figuritas bem germanicas, gnomos que careciam, demonios que riem, vampiros e genios, tóda uma alacre galeria germanica e mythologica debruando ás vezes libocados de paizagem portugueza, onde os rebanhos pastam e ha torres altas de egreijnhas pparochiaes. Nas suas meditações entretem-se a escrever á margem dos desenhos, na lettrinã miuda e grave, dedicatorias a seu irmão Leopoldo, a seus filhos, aos seus amigos dedicatdos.

Ha até notas enternecedoras tão ligeiramente marcadas que não se podem reproduzir, mas que vivem n'esse album da Bibliotheca Nacional a demonstrarem bem o que era a alma d'esse artista real. O rei entretinha-se a fazer uma agua forte, copiava algumas vezes assumptos celebres, quadros maravilhosos de grandes pintores e emquanto ia fazendo esses trabalhos, nas margens escrevia e desenhava as suas phantasiãs. Um dia, porém, entrou no gabinete o infante D. João, que era

muito pequenino, e o rei fez um rapido *croquis* d'essa figuritta d'encanto, sentado no chão, com o dedito na bocca, mais tudo



tão leve, que é pena não se poder photographar do album real. Desenhou assim o filho e escreveu-lhe ao lado o nome, aquellas quatro letras que annos depois o deviam fazer chorar á sua simples recordação. A creancinha desenhada na orla d'esse trecho devia ser um príncipe infortunado; ficaria com a sua aureola de bondade na recordação do povo, dos seus lanceiros e dos seus amigos, após aquella morte mysteriosa que

tambem tiveram seus irmãos, mas fazia chorar lagrimas de sangue ao artista que o desenhára, o seu pae, o singular soberano tão devotado á arte.

Nota-se que n'esse album ha muitos quadros de Teniers, muitos de Salci, alguns celebres de véras e que o rei reproduzia nas suas aguas-fortes. E' muito curioso, deante d'elles, imaginar esse príncipe, com a sua comprida *blouse*, cobrindo do verniz especial d'esses trabalhos as placas de cobre e seguindo com o seu estyete os traços do desenho, fazendo isso com um enorme cuidado, tratando com os acidos, lidando como um obreiro, devéras satisfeito, muito mais do que quando no coche de gala, envolto no manto d'arminhos, fardado de general, se via obrigado a ir pronunciar como regente na sua voz nasalada o discurso da

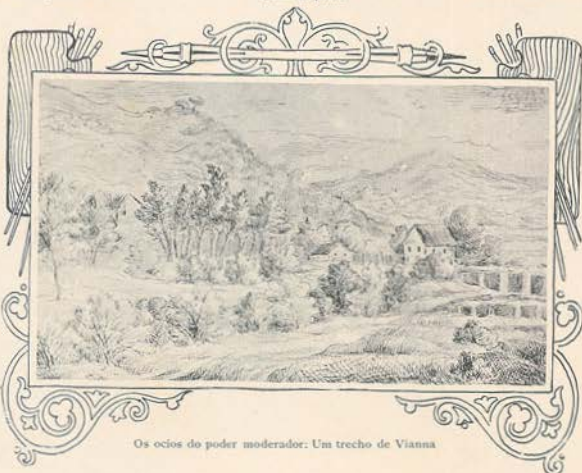
cordão na abertura do parlamento. Não ha duvida que D. Fernando foi uma curiosa figura d'artista e que não se poderia occultar, embora o rei assim o desejasse. Nos seus passeios officiaes pelo paiz, D. Fernando não resistia á sua paixão dominante e é assim que se

entretém a pintar as margens do rio Lima tão lindas e tão férteis e os campos verdes da formosa Viana, depois de ouvir as auctoridades lerem estafantes discursos e ouvir as musicas desafinadas entoarem o hymno real a ferirem o seu ouvido delicado de *diletantti*. Pelas campinas de Mafra, nas numerosas cavalgadas para que convidava os amigos e por vezes personagens officiaes, não se continha sem os retratar com os seus trajos da epoca, montados nos bellos alazões das coudelarias reaes e atravessando as estradas cheias de poeira. Em

Cintra, o artista real mettia-se pelos mattagaes, escolhia os cantos mais pittorescos e entrava a desenhar boccados da paizagem que animava de figuras, enchendo sempre as margens de curiosos apontamentos. Ha um desenho de D. Fernando todo cheio de assumptos portuguezes, n'esse genero, á beira do papel, trechos de touzadas como então se faziam, e d'um tal interesse caricatural que revela bem o enorme talento do príncipe. São os pretinhos, com as suas pennas nas cabeças, saltando nas cabriolas doidas em torno do boi bravo que escarvava o solo e mais abaixo, na mesma minuscula nota, os bandariheiros, os cavalleiros.



Uma calça, desenho do soberano para uma modelagem em prata



Os ocios do poder moderador: Um trecho de Viana

os forcados, fazendo toda esta funcção portugueza moldura á uma louca phantasia allegorica de gnomos e gigantes, com as suas barbaças extranhas, com os seus gestos macabreantes. Outras vezes dá-se o contrario, porque á volta dos assumptos portuguezes, cegos que cantam de frente das portas, pelot-





queiros, almocreves, mendigos do Alemtejo e do norte, veem rir e pular os anões teutonicos. Por vezes é desenfreada a phantasia do rei.

A' medida que vae avançando em idade, parece tornar-se mais sonhador e isso nota-se n'essas paginas singulares do seu formosissimo album; desenha então as cavalgadas estranhas onde passam os magyares soberbos em cavallos de maravilha, as lanças altas, os gorros nas cabeças extranhas partindo para um destino desconhecido, mas não deixando de conduzir o seu gnomo familiar. Outras vezes são

caricaturas verdadeiramente phantasticas, homens que cantam com as bocarras escancaradas, mulheres que bailam, bruxas que vão para os *sabats* no mysterio das florestas povoadas de espiritos, e montadas em paus de vassouras. Ha ainda n'esse album, ao lado d'affirmações de sonho e de vigor d'arte, notasinhas de ternura e inge-

nias como se fôsem feitas por uma creança. O rei tinha tambem um grande culto pelos animaes extranhos, que pintava de preferencia, corujas e mochos e aves exoticas da sua invenção, que disformava levado por alguma cousa de lugubre quando



Os hungaros: desenho que o rei Fernando dedicou a seu irmão Leopoldo

outras vezes as dava de uma verdade de assombro como em certo desenho á penna que vem no album Cifka, assignado por D. Fernando e que representa um cão e um cavallo entre um moitado de Cintra..

Por vezes parece reviver um passado e o seu lapis traça perfis de princezas d'outras eras, passando em carinhos ligeiros escudeiradias por negros de turbantes, ou indo em coches, onde ha notas extravagantes, mais caricaturadas do que cheias d'essa gravidade profissional da realza.



Nas margens do Lima

Em 1847 a sua phantasia leva-o a caricaturar os membros do Jockey Club de Vexel, todas umas singulares creaturas de grandes barbas e cabelleiras meovingias que passeiam mais impertigadas attitudes. A' beira d'um desenho de Klein, um carro de bois com o seu carreiro allemão, poz batalhadores, espada chins, mendigos e — n'uma troça —

os negrinhos de S. Jorge com os seus instrumentos, os cavallos d'estado com as suas plumas ondeando nas cabeças galhardas. Vê-se bem como esse artista delicado que legou tantas obras primas no seu album, era um sonhador incorrigivel que já

mais podia deixar de pintar um deus germanico ou um margrave ao lado das cousas mais positivas.

Entretinha-se tambem em desenhar objectos que mandava lavar, mas a sua alma de artista só calou a sua dôr de pae quando se pôz a fazer erguer para o ceu azul esses torredões rendilhados do palacio da Pena, onde ha tambem o sonho gothico d'esses castellos do Rheno povoados, segundo a lenda, por feios gnomos que o rei Fernando tanto se comprazia desenhar.

A terra de Portugal recebeu-lhe cuidados sem par, e sua linda paizagem encantou-o, mas a sua visao de germanico apresentava-a sempre com alguma nota d'um certo tom singular. O rei nas suas viagens entretinha-se mais com o conselheiro Dietz ou com o Ciska artista do que propriamente com a gente da côr-

zão, com os politicos que o acompanhavam ou com as personagens officiaes, porque preferia escutar as suas rapidas impressões d'arte ás cousas, banas para elle, da governação.

D. Fernando nunca foi um rei na accepção propria da palavra. Era o principe consorte que chegou das terras da Allemanha para desposar a esbelta rainha viuva do principe de Leutchenberg, sentia na sua alma o encanto da terra, as bellezas da arte antiga tão espalhada no paiz no mobiliario archaico, na antiga architectura, nos paramentos ricos das egrejas, nos quadros que tinham pertencido aos conventos, nos manuscriptos das bi-



Mendigos tocadores no Alentejo. Em baixo uma das phantasias numerosas de D. Fernando



Uma extranha phantasia do rei

blithecas régias, nas cousas que pejavam os sotões do palacio velho d'Ajudá e que elle, com um cuidado d'artista ia separando, vendendo, salvando das poeiras e do olvido. Entregou-se a essa faina n'um impulso forte e preferia-a aos conselhos de ministros demorados cujas decisões aborreciam a sua indole propriamente dedicada ás cousas bellas. A gravura tomava-lhe o seu tempo, a ella dedicava os seus maiores cuidados e estudando-a, com uma enorme dedicação, pretendia eleva-la a uma poderosa e larguissima arte, egualisando-a com a do estrangeiro.

Desde o tempo de D. Manuel que se praticava em Portugal essa arte d'uma maneira reconhecidamente curiosa. Manuel Rodrigues, a quem se refere o conde de Rackynski no seu Dictionario, fizera pranchas magnificas em madeira, e no seculo XVII Augusto Floriano Soares tratara assumptos sacros d'uma forma digna de elogios, assim como Braz d'Almeida que se distinguira no genero.

Tudo isto o rei Fernando sabia ao analysar, com detalhes, todo o passado da gravura no paiz onde vinha reinar. Estudou-a com o maior disvelo e carinho em relação ao reinado de D. João V, quando ella se desenvolveu prodigiosamente, com a chegada de gravadores estrangeiros como Rousseau, Debrí, Simoneau, Bouteux, que gravára magnificamente a fachada do convento de Mafra e que o soberano apreciava com um amor intenso. Os retratos de



D. João IV, D. Afonso VI, D. Pedro II gravados por Hauwyn, mostraram-lhe como se trabalhava com

cuidado n'esse reinado de pompas freiraticas e de despezas fabulosas. Os trabalhos de Luillard, que Wolkmar Machado julgou discipulo de Watteau, encantaram-no pela sua nota galante, agradável á sua maneira poetica de teutão amigo das lendas, das cousas lindas do passado que o levaram a erguer gothicos no paço da Pena e a procurar assumptos d'amores romanticos para a sua galeria.

Pois todos esses trabalhos, que tinha ali ao alcance da mão nos livros da bibliotheca regia, lhe serviram d'incentivo para se dedicar á agua forte e para instalar nas Necessidades o seu atelier famoso no qual se metia cheio de satisfação, mesmo no periodo em que as luctas se acendiam. Arrancarem-no aos seus trabalhos para o levarem á governação era o peor que lhe podiam fazer! O rei indignava-se mais com um traço mal avivado nos seus desenhos e mal reproduzido nas suas gravuras do que com as declamativas imprecações dos Passos, quando da Belemsada, repetidas depois na sua forma rhetorica em varias occasiões. Costa Cabral, com as suas idéas de dominador, falava menos ao seu espirito do que as gravuras de Carpineti representando a familia real no tempo de el-rei D. José; o marechal Saldanha com as suas rebelliões, com a sua popularidade, importava-lhe menos que os discipulos d'esse Bartolozzi famosos que formára gravadores como Queiroz e Rivara, já maravilhosos na agua forte; as revoltas dos marechaes, a *Maria da Fon-*



Um mendigo em Cintra offerecido ao barão de Loavenças — Um passeio a Maira

te, as luctas de todos os dias, a agitação constante do paiz, aquellas marchas e contra marchas de tropas preocupavam--no menos do que todos esses extranhos artistas da escola do florentino.

Por fim, quando teve tempos mais socegados, acalmados as luctas, restituído o socego ao paiz, o rei começou então a trabalhar com vagares a pór todo o seu espirito n'algumas das composições deveras interessantes que não só desenhava mas gravava lindamente. Não perdia no entanto, com ia chegada das cans, as suas idéas phantasticas de gnomos; e de gigantes allemães, que tinham embalado a sua adolescencia de principe loiro. Integrava-se um pouco mais no meio portuguez, mas, descendo até á satyra, não deixava nunca de poetisar as cousas, seguindo o seu feitio jámais desmentido e que o seu album comprova d'uma ma-

neira notavel.

Finalmente, no seu retiro dte Cintra, á sombra d'aquellas paredes que vira erguer, mettido no velho sonho, trazia nos olhos as impressões dos campos, os trechosinhos das varzeas, as moitas floridas; nas primaveras sem igual da região e desenhava-as ao mesmo tempo que ia cuidando do mobiliario apropriado para o interior da sua morrada preferida, procurando os quadros adaptaveis ás salas que uniformisava com todos os seus adornos e rebuscando nos velhos paços o que lhe servia..



As damas do coche, uma phantasia régia

Nas suas recordações d'um tempo de luto para a Casa Real, quando após a morte de D. Pedro V, n'uma tragica manhã d'invernia o povo ajoelhará na lama do largo das Necessidades, a pedir aos seus reis que sahisses d'aquelle paço, havia sem duvida a impressão de

que os discipulos d'esse Bartolozzi famosos que formára gravadores como Queiroz e Rivara, já maravilhosos na agua forte; as revoltas dos marechaes, a *Maria da Fon-*







nitida das bellezas perdidas desde o tempo de D. Miguel na presidencia real de Caxias e entao o rei ia lá pelas tardes revolver nas arrecadações relembando bem dolorosamente o tempo que seu filho D. Luiz ali passára e onde recebera os officiaes de lanceiros que iam lá levar-lhe a espada do infante D. João, morto tambem n'essa época de desditas.

Na alma do rei havia o culto da arte a servir-lhe de lenitivo a todas essas desgraças e por isso elle se lhe foi dedicando cada vez mais, n'um trabalho diario que só interrompia para dar os seus passeios, no outomno, a pé pelas ruas de Lisboa, sobretudo pelo Aterro, olhando o rio com os seus vareiros, com as suas barcas de banhos, os pedaços pittorescos e azues do Tejo banhado no ouro dos poentes. Mas o rio pouco serviu á sua arte, não o inseriu no seu album porque naturalmente o seu feito repellia todas essas notas positivas. Por vezes punha-se a desenhar fructas e eram sempre d'um exotismo singular, misturando-lhe os animaes, o mobiliario, n'uma confusão pittoresca agradavel ao seu extranho espirito.

A caricatura tentava-o. O rei não resistia a essa nova forma d'arte e assistia de sorriso nos labios aos elogios que lhe dirigiam por todos esses trabalhos, que occuparam a sua vida, ociosa como rei, mas afadigada como artista.

Ha, porém, uma das suas caricaturas que é de veras interessante. Trata-se d'uma carroça do lixo passando ao som da campainha pelas ruas da cidade e onde toda a gente corre a despejar gatos mortos, restos, caixotes e cestos: e o rei escreveu, n'uma satyra patusca, bem singular ao ser atirada pelo poder moderador—O poder executivo do peullo da limpeza.

Foi n'um dia de bom humor certamente que o rei assim satyrisou o municipio, como sem duvida foi com as lagrimas nos olhos que offereceu ao seu devoto do Cifka o ultimo desenho d'el-rei D. Pedro V e que está no album por aquelle

doado á Bibliotheca Nacional. O rei, sentindo-se doente, recolheu ao leito, e nas vesperas de morrer, confundindo na sua mente o rosto de D. Estephania morta com a Beatriz do poeta, recitando versos onde equalava as duas, quiz tambem, no seu delirio, desenhá-las. Então, o melancolico artista, filho d'outro artista de talento, pegou na penna e fez essa arvore frondosa em cujos ramos parece passar uma rajada, um vento forte, a desbaratá-la, a arvore tragica, desgrenhada, que parece ser a expressão da alma do rei Pedro V nos humbraes da agonía.

Deixou-o nas mãos fieis de seu pae para logo se entregar todo á visão da sua rainha amada, entrevista no delirio febril n'um céu que agradava á sua piedade de crente e á sua feição sentimental. Não sabia ainda da morte de seu irmão Fernando, mas ouvia os canhões da corveta *Estephania* salvando funebremente em frente do palacio. A arvore agitada por uma rajada extranha era a impressão do seu espirito conturbado, quasi á hora da morte. O seu ultimo pensamento foi para um céu ideal; os ultimos movimentos conscientes da sua mão foram para desgrenhar os ramos da arvore que legava.

E D. Fernando, pegando n'esse desenhão, chorou. Não o quiz no seu album. Deu-o ao

seu amigo Cifka. Naturalmente, a primeira vez que desenhou, os gnomos mysteriosos saíram mais bastos do seu lapis real para irem communicar á alma do rei morto aquillo que o pae lhe queria dizer, ao lado do outro filho sagrado soberano, emquanto elle cada vez mais agarrado á sua ancía d'arte ia elevar esse castello da Pena, no occuroto dos montes e onde devia sonhar muito com os seus margraves, os seus deuses germanicos, os symbolos extranhos da poesia teutonica que enchem o seu album notavel, onde se afirma bem o que foi a arte d'esse Saxe Coburgo Gotha, vindo d'um alfobre de principes casadouros, como elle, tratar uma nobre arte n'um paiz sacudido em convulsões de que sempre queria viver afastado. Quando o obrigaram a desembainhar a espada bocejou contrariado e não tro-



*Guilherme do Príncipe D. Pedro*  
*o meu irmão Fernando*

O ultimo desenho de D. Pedro V: uma arvore sobre a qual parece passar uma tempestade de tragedia





cava decerto um dos seus práticos raros do Japão, um bocado do seu *bric-à-brac* famoso pela gloria de poder ter vencido Saldanha nas margens do Mondego.

Tambem enquanto o rei se dedicava aos seus trabalhos, Saldanha ia, como um Cincinato, tratando das lavouras antes do exilio dourado da embaixada de Londres com que o afastavam delicadamente. Quando um dia o quizeram fazer rei de Hespanha, dar-lhe as pompas d'uma grande realza, D. Fernando recusou, não quiz de forma alguma taes cuidados, enfronhado no seu sonho, vivendo mais d'elle, desdenhando de todas essas vaidades externas, de todos esses symbols do mando que não trocaria pelo seu lapis.

A sua velhice levou-a ainda como um grande artista; esse anoi-tecer da vida em que as câns pareceram acordar, na sua bran-cura, alvoradas de dese-jos, para elle, foi ain-da uma epoca de di-versões artisticas. O paiz vivia já na calma que se inaugurára toda de mimos e gosos para os dirigentes; a fami-lia real nos seus solas de Queluz e Villa Viçosa, tinha emfim uma larga era de paz após as tormentas das guerras e das tragedias mysterio-sas. Tinha-mhe ficado dois filhos — D. Luiz e D. Augusto — um era rei; traduzia o dramaturgo inglez um d'elles, o que reinava; en-tregava-se á sua vida tranquilla o outro, feito inspec-tor da cavallaria portugueza, e o rei velho, ja não tinha aquellas turbações antigas, meditava em des-cançar tambem, não sentia-se espicado sem-pre pelo seu sonho d'arte, como se tivesse nos nervos, no sangue, na alma, um d'aquelles demonios germanicos que não deixam socegar, que veem altas horas acordar desejos, conturbar os espiritos, levar pela mão ás grandes sensações da vida, aquelles, que como Fausto, só pensam em repousar an-

tes de verem a fascinação em troca da qual tudo dariam.

O rei Fernando realisára uma obra completa; não tivera jámais na sua vida de representação nem as necessidades que impulsionam mem os vagares que sabem bem a determinados temperamentos, no entanto alguma cousa fizera; um trecho do seu sonho realisára-se mas sem satisfazer a sua alma angustiada como a de todos os artistas que desejam a perfeição. Entretinha-se então em fazer esse album famoso, em escolher as produções que ali que-ria collocar e ao mesmo tempo formava a galeria soberba das Necessidades e enchia-se d'outras idéas d'arte, n'outro genero, a numismatica, o *bric-à-brac*, a que dedicou apaixonadamente os seus ultimos annos.

Decerto, na hora de morrer, o rei teve pena de não levar comsigo todas essas maravilhas, n'aquelle egoismo que é só dos amorosos, dos colleccionadores e dos avarentos que desejam sempre conduzir para a campa a



Os charamelleiros de Fousseureau (agua forte de D. Fernando)

mulher amada para que não steja d'outro; as suas obras d'arte para que mais ninguem lhe toque; o seu dinheiro para que não haja quem lhe gose a soada agradável que os seus ouvidos escutam.

D. Fernando — o auctor d'esse album tão artistico — era um rei que preferia a fama de seu tão querido Alberto Durer á reputação de Frederico, o Grande, como na meninice o seu descendente D. Manuel, hoje rei, dizia preferir ás grandezas do throno a batuta gloriosa d'um maestro de reputação univereal.



# VIDA DE COIMBRA



Os estudantes que fizeram a greve acadêmica de Coimbra em 1906 reuniram-se no Bussaco, a commemorar o terceiro anniversario d'es-

se acontecimento, indo de seguida para casa do sr. visconde de Ameal, seu antigo condiscipulo, onde jantaram recordando a celebre greve.



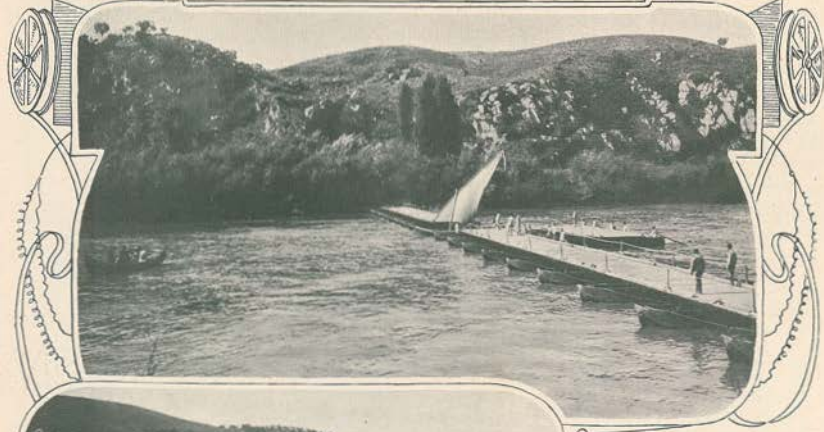
1—O grupo dos estudantes que fizeram a greve academica em 1906 dirigindo-se em burros para casa do sr. visconde d'Ameal  
2—Grupo dos estudantes da greve academica de 1906 na matta do Bussaco  
(Clichés da PHOT. COMIMBRICENSIS)



# OS EXERCÍCIOS DE TÂNCOS



1—Um poste para os fios telegraphicos. 2—Linha telegraphica de campanha: Desenrolando o cabo. 3—Estação telegraphica improvisada. 4— Estação telegraphica de campanha. 5— Na montagem da linha: Ao desenrolar o fio



COMPANHIA  
DE PONTONEIROS  
1.—Ponte de barcos entre  
Tancos e o castiello do Almourol;  
El-Rei a caminho do castiello;  
2.—Ponte de barcos entre  
o castiello do Almourol e a margem  
esquerda do Tejo;  
Levantamento da pontada para  
passagem de um barco  
3.—Levantamento da ponte  
por conversão

A *Ilustração Portuguesa* completa hoje a sua informação grafica dos exercicios finaes da escola pratica de engenharia em Tancos, que foram muito interessantes tanto sob

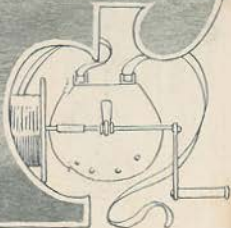
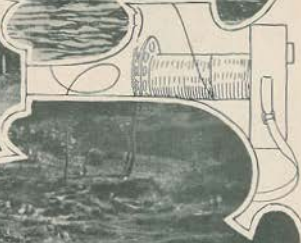
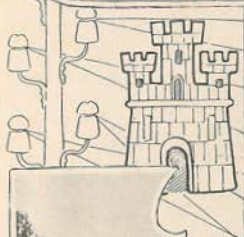


o ponto de vista tecnico como pelo pittoresco que apresentaram.

Os soldados lançaram troços de pontes que dentro em pouco eram atravessadas, construíram fortes coloniaes, paliçadas re-

**COMPANHIA DE PONTONEIROS**

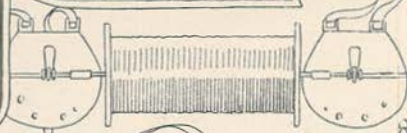
- 1—Construção de uma ponte.
- 2—Transporte das vigas do taboleiro.
- 3—Ponte de cavalletes.
- 4—Construção de uma ponte por barcos sucessivos.



sistentes, organisaram defezas, fizeram saltar, com minas habilmente preparadas, as pontes construidas e acabaram pela montagem de linhas telegraphicas, trabalho de veras curioso e que El-Rei seguiu em todas as suzs phases.

Tambem o soberano visitou o

- 1—Telegraphia optica: appparelho Mangin com o seu heliostato
- 2—Ao erguer da barraca da estação
- 3—O sr. general Sampaio expedindo um telegramma na estação de campanha
- 4—Telegraphia optica com bandeira e heliographo Mance

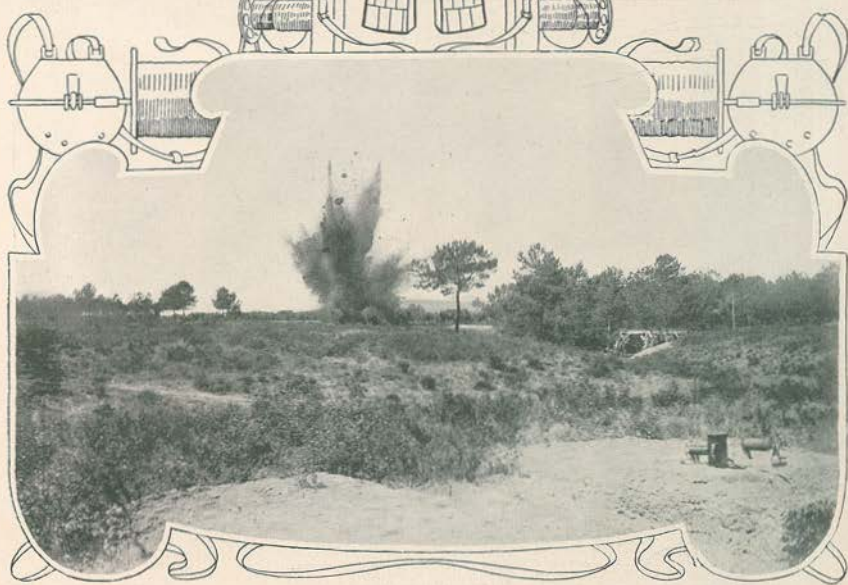
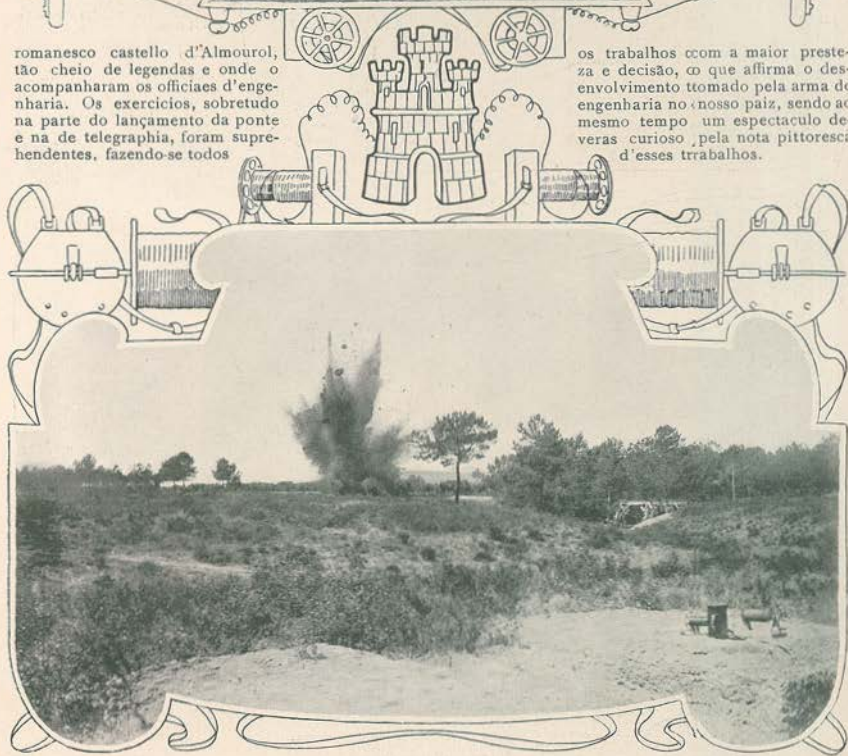






romanesco castello d'Almourol, tão cheio de legendas e onde o acompanharam os officiaes d'engenharia. Os exercicios, sobretudo na parte do lançamento da ponte e na de telegraphia, foram surpreendentes, fazendo-se todos

os trabalhos com a maior presteza e decisão, ao que affirma o desenvolvimento tomado pela arma de engenharia no nosso paiz, sendo ao mesmo tempo um espectáculo de-  
veras curioso pela nota pittoresca d'esses trabalhos.



1—Viatura dos serviços telegraphicos. 2—Explosão d'uma mina para destruição d'uma linha de camistho de ferro

# LÁ POR FÓRA



## O «DERBY» DE EPSOM

O Derby, que é um acontecimento sensacional todos os anos na Inglaterra, foi fundado em 1780 por Lord Derby. É a festa sportiva por excellencia que chama ao campo de Epsom mais de quatrocentas mil pessoas. Este anno, como habitualmente, houve uma louca animação sobretudo pela victoria na grande prova do cavallo *Minorn* pertencente ao rei de Inglaterra e que a disputou brillantemente ao cavallo *Louviers* do sr. W. Raphael. Quando o rei, conforme o uso, foi buscar o seu cavallo pela caixa para o levar a *bird cage*, a multidão applaudiu delirantemente.

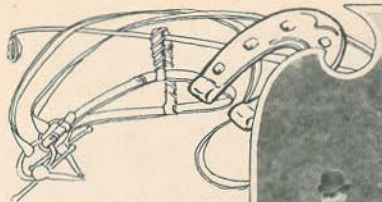


1—O rei Eduardo, no momento da victoria, tendo á sua direita Mr. Marsh (o treinador real) e á esquerda Lord Marcus Beresford e o principe de Gales.

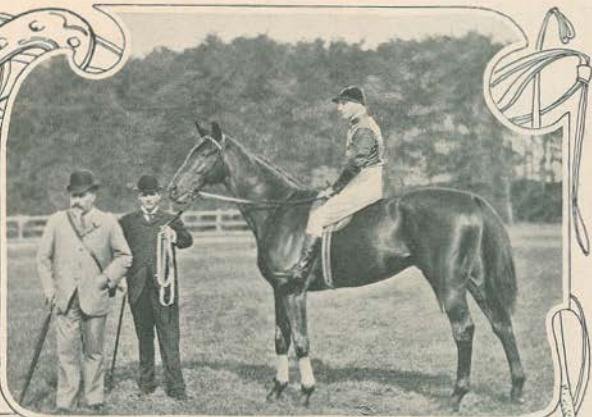


2—Final da corrida do Derby em Epsom: O cavallo «Minorn», do rei Eduardo, ganha a grande corrida do mundo, passando á frente de «Louviers» e «William the Forth», segundo e terceiro a chegar

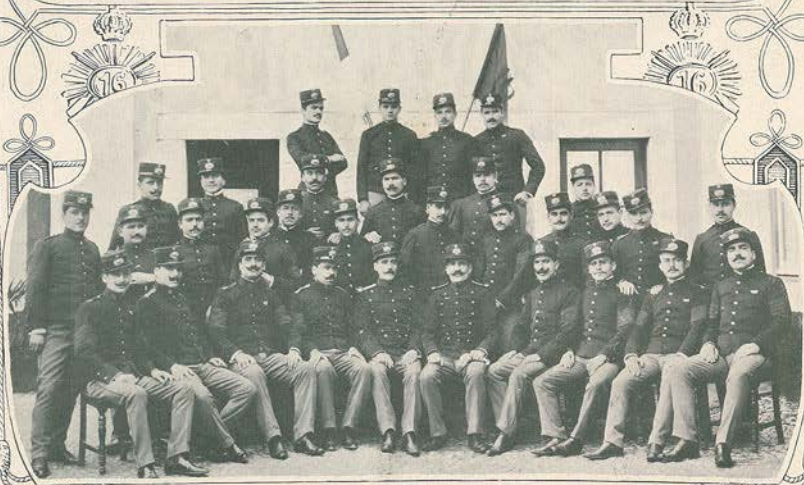




- 1—O príncipe de Gales, actual rei, e o seu «Persimmons», vencedor do Derby em 1896
- 2—A multião elegante no paddock vendo, debaixo de chuva, passar em revista os cavallos (à direita)
- 3—«Diamond Jubilee», que ganhou para o príncipe de Gales o Derby de 1900
- 4—«Minors», o vencedor do Derby em 1909, montado pelo jockey Jones, o vencedor dos Derbys de 1900 e 1909



# VIDA MILITAR



Uma troca de cortesias. 1.—Os sargentos do regimento n.º 16 de infantaria hespanhola: Grupo oferecido aos sargentos do 16 de infantaria portugueza—(PHOT. M. OLIVENZA)  
2.—Os sargentos do 16 de infantaria portugueza: grupo oferecido aos seus camaradas do 16 de Hespanha de que é comandante-honorario El-Rei D. Manuel—(PHOT. BOBONE)



# SPORT PORTUENSE

## A FESTA DO FOOT-BALL CLUB



1—Corrida de velocidade por crianças: O menino Alexandre Cal, que ficou vencedor, atingindo a meta

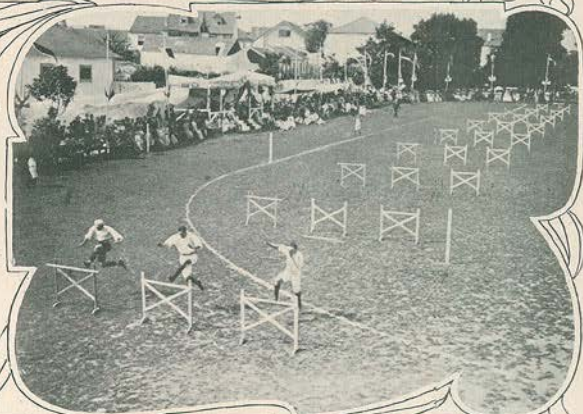


2—Aspecto do campo onde se realizou o concurso sportivo organizado pelo Foot-ball Club do Porto



3—Eduardo Villares, que fez um salto de 1.<sup>o</sup> 52 de altura, ficando vencedor

(Clichés de CARLOS FERREIRA CARDOSO)



# A EXPOSIÇÃO DE CERAMICA DE MANUEL GUSTAVO



Um aspecto da exposição

A exposição de cerâmica de Manuel Gustavo Bordallo Pinheiro constituiu um acontecimento no nosso meio artístico, pela beleza dos modelos apresentados e pela magnífica escolha dos assumptos que o filho do mestre da cerâmica em Portugal, o grande Raphael Bordallo, nos apresentou. Além d'um lindo grupo e de dois medalhões repre-

sentando trechos da lenda de Santo An-

sua elegante forma, pela sua novidade e pelo seu acabamento honram o ceramista, que, contando apenas com o publico, tem trabalhado deliciosamente, a continuar a obra de seu illustre pae. Destaca a meio da sala do lindo atelier de Manuel Gustavo um bellissimo vaso romano, a meio do qual, n'uma fila, per-

passam cavalleiros de sonho, n'um resalto de jaspe no vidrado



Embutidos de terra cotta polychromos  
O lobo e o cordeiro

tonio, ha n'essa exposição uma serie de vasos em terra cotta polychromos que pela



Embutidos terra cotta polychromos  
Pete dos pombos



Embutidos de terra cotta polychromos  
Jarra da mulher da fita verde

azul do grande vaso, d'uma perfeita execução. A serie dos pequeninos objectos, os cysnes, os casti-





*Embutidos de «terra cotta» polychromos*  
Pote do Gallo

ças *raquettes*, os cinzeiros, as floreiras, é encantadora como esses pratos d'um novo estylo onde os animaes teem notas curiosas caricaturaes mas de uma phantasia soberba. Ha tambem, na exposiçao, outros trabalhos d'uma modelação superior que demonstram os constantes progressos de Manuel Gustavo, agora inteiramente dedicado á arte da ceramica, que se desenvolverá entre nós graças aos seus constantes esforços, á sua vontade tenaz e ao brilho do seu talento. Após as suas primeiras obras, que constituiram uma verda-



*Embutidos de «terra cotta» polychromos*  
Pote dos ppatos

deira surpresa para o publico, o artista foi realisando cada vez maiores progressos, tendo sido a actual exposiçao um triumpho.

Podemos ter, portanto, a fundada esperança de que o distincto e talentosissimo artista, que por si honra tão vantajosa-

mente o nome que: herdou, completará dentro de breve tempo a restauração dos antigos diias de gloria da ceramica nacional.



*Embutidos de «terra cotta» polychromos*  
1—Uma chavena, 2—Grupo de varias peças

(Clichés de BESOLLEL)

# REPUBLICA BRAZILEIRA

## MORTE DO PRESIDENTE



O fallecido presidente  
dr. Afonso Pena

A Illustração Portuguesa presta hoje a mais sentida e profunda homenagem ao grande cidadão que foi o fallecido presidente da Republica do Brazil, Afonso Pena, cuja obra politica ficou bem accentuada no grande desenvolvimento que a terra nossa irmã tomou durante o seu governo. Afonso Pena, filho de pae portuguez, foi um dos mais queridos chefes da gloriosa republica que hoje lamenta a sua perda. Chegado ao governo, rodeou-se de gente nova, de ministros de trinta annos, cheios d'ideias modernas e que geraram essa obra que se patenteia nos progressos materiaes do Rio de Janeiro, na remodelação do exercito, no grande desenvolvimento da marinha e n'essa exposição, para que Portugal foi especialmente convidado, e que celebrando a abertura dos portos do Brazil á Europa, ordenada em 1808 por D. João VI, mais nos ligou com a grande republica. O illustre estadista, cujo nome ficará para sempre querido n'esse paiz, onde se sabe fazer ampla justiça, legou com os seus trabalhos a affirmição das suas grandes qualidades e a sua patria saberá prestar á sua memoria as homenagens a que tem o maior direito aquelle cuja morte nós, com o Brazil, profundamente sentimos.

Após a morte do sr. dr. Afonso Pena assumiu a presidencia da republica o sr. dr. Nilo Peçanha, que desde os bancos da escola foi um ardente propagandista das idéas democraticas e que com o seu temperamento de politico, em demasia reconhecido, sem duvida prestará á sua terra os serviços que ha a esperar de todas as manifestações do seu talento anteriormente dadas e que o recommendaram para a vice-presidencia da republica a que está inherente a presidencia do Senado, onde se notabilisaria se a sua reputação d'orador não estivesse já consagrada em todo o Brazil de que o

dr. Nilo Peçanha é um dos vultos mais notaveis. A morte do dr. Afonso Pena, no momento em que a preparação das eleições presidenciaes tanto agita os animos, não trará, pois, devido ao espirito ponderado e imparcial do seu successor, qual plica quercomção.



O actual presidente dr. Nilo Peçanha



# OS TREMORES DE TERRA EM FRANÇA



1—Em Saint Conrat: Uma das casas cujo derrocamento produziu maior numero de victimas.  
2—Uma rua de Rognes completamente destruida, e na qual se encontraram numerosos cadaveres  
sob os escombros.—(Clichés de J. THEODORESCO)



1—Uma vista de Rognes, destruída pelas convulsões sísmicas  
2—As ruas de Rognes em ruínas

(Clichés de CH. DELIUS)



# UMA FESTA MUSICAL NO PORTO



*Ensaio das discípulas da professora D. Alexandrina Castagnoli de Brito realisado na sala da Photographia União:*

No primeiro plano, da esquerda para a direita: As sr.<sup>as</sup> D. Adozinda Seara Cardoso, D. Izabel Seara Cardoso, D. Iguez de Castro Magalhães, D. Laura Soiza, D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito, D. Leonor Affonso de Chelmick, D. Maria Adelaide Martins, D. Virginia Lambert d'Almeida, D. Aclida Faria Barbosa, D. Maria Arminda de Azevedo.—No segundo plano, da esquerda para a direita: As sr.<sup>as</sup> D. Maria do Carmo Gonçalves, D. Bertha Lambert d'Almeida, D. Beatriz Cruz, D. Aida Pereira da Costa, D. Cecília Lopes Correia, D. Georgina Pereira da Costa, D. Helelia Marques de Souza, D. Albertina Ferreira Gonçalves, D. Virginia Azevedo e D. Lucinda Correia. 3.—A professora D. Alexandrina Castagnoli de Brito.

3.—No primeiro plano, da esquerda para a direita: os srs. Catão Simões, Antonio Brito, José Cassagne, José de Brito, Augusto Vêras, Alvaro de Sousa

Segundo plano, da esquerda para a direita: os srs. Augusto de Faria Lagoá, Joaquim da Costa Carregal, Eduardo Garcia, Eduardo d'Almeida Pinto, José da Fonseca, Arthur de Faria Lagoá



# FIGURAS E FACTOS

## NO SALÃO DA ILLUSTRAÇÃO



### AUDIÇÃO DO CANTOR PORTUGUEZ ARTHUR TRINDADE

A' direita o sr. Arthur Trindade, ao centro o distincto pianista D. Luiz Quesada, que fez os acompanhamentos e á esquerda a cantora sr.ª D. Margherita Trindade, esposa do artista



O JORNALISTA SR. MARQUES PE-REIRA—Falleceu no dia 17 de junho. Dedicou-se ao estudo das linguas orientaes com uma grande proficiencia. Creou a revista *Tu-ssi-Yang-Suo* onde escreveu artigos deveras notaveis e foi collaborador da *Revista Colonial*, *Lucta*, *Epoca* e *Journal do Commercio*. Escreveu os livros da Bibliotheca do Povo e das Escolas intitulados *Nautica* e *Vidros e Crystaes*.



O pintor brasileiro Barbosa, no seu atelier na rua Girardon, em Montmartre, Paris